

Erick Oliveira Verner

FATORES SOCIOECONÔMICOS E SAÚDE DE CRIANÇAS EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA

A violência é um fenômeno que sempre esteve presente no mundo, caracterizado como um processo multicausal, que pode ser influenciado por fatores históricos, culturais, biológicos/individuais, sociais e econômicos. A violência contra as crianças ocorre todos os dias, em todos os lugares do mundo, envolvendo a violência física e psicológica, a discriminação, a negligência e os maus-tratos, ocorrendo tanto no ambiente intrafamiliar quanto no extrafamiliar (UNICEF, 2014).

A violência infantil, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (2014), apresenta consequências negativas na saúde das crianças, afetando tanto o seu desenvolvimento, físico, cognitivo, emocional e social, quanto o seu crescimento de diferentes formas. O impacto dessa violência não se restringe apenas a infância, podendo-se estender à idade adulta dessas vítimas, como por exemplo o desenvolvimento de comportamentos transgressores na idade adulta.

Logo, essa revisão de literatura objetiva analisar os fatores socioeconômicos na violência infantil em suas principais facetas: física, psicológica, sexual e negligência infantil, comparando variáveis socioeconômicas e partir de dados nacionais, e investigar o impacto da mesma na saúde das vítimas.

O tema violência infantil é importante pois este é um assunto pouco abordado apesar de ser historicamente recorrente. Conhecer os perigos que cercam a criança ajuda a encontrar formas de protegê-las, prevenindo que uma criança seja abusada vezes seguidas ou que novas crianças sofram do mesmo mal. Além disso, o conhecimento do número de casos de violência infantil tornaria a população e os médicos mais atentos a segurança das crianças.

Essa produção caracteriza-se como uma revisão sistemática, realizada a partir de dados de 15 artigos científicos, 13 documentos sobre a violência do país e violência infantil internacional, além do uso do banco de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) sobre Goiás e o Brasil. Os artigos foram pesquisados em bancos de dados das plataformas SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico utilizando os seguintes descritores: Maus-Tratos Infantis, Fatores Socioeconômicos, e Saúde da Criança.

Para a confecção das tabelas, foram levados em consideração: fatores socioeconômicos, como sexo, raça/etnia, escolaridade e o autor da agressão; o intervalo de faixa etária de 0 a 14 anos de idade; o período de 2014; dados de todo o país, eventualmente com foco em Goiás; as seguintes categorias de violência oferecidas pelo SINAN: Violência física, Psicológica/Moral, Sexual e Negligência.

Para comparar populações distintas, usou-se a razão: crianças violentadas/1000 crianças daquela população. Em outras tabelas optou-se por utilizar dados brutos. As informações demográficas sobre a população infantil, de faixa etária de 0 a 14 anos, foram a partir do DATASUS, na seção “Estimativas população: município, sexo e idade 2000-2015 RIPSA IBGE”, delimitando-se o período de 2014.

Os resultados das tabelas somados aos dados presentes na literatura permitiram concluir que os tipos de violência mais frequente são a violência física (WAISELFISZ, 2012) e a negligência (NUNES; SALES, 2013; GARBIN et al., 2016; FUNDAÇÃO ABRINQ, 2017). Sobre o gênero da vítima e o perfil do agressor, alguns dados apontam o sexo feminino como o mais agredido, e outros apontam o sexo masculino (NUNES; SALES, 2013; GARBIN et al. 2016). Os agressores mais frequentes incluem os pais em primeiro lugar, seguidos de amigos e/ou conhecidos (WAISELFISZ, 2012; SINIMBU et al., 2016; NUNES; SALES, 2013; EGRY et al., 2015). Foi observado que vítimas do sexo feminino sofrem mais violência sexual, e os meninos sofrem mais de negligência.

Segundo Chor (2013), A raça possui grande significado sociológico, agindo como “causa das causas”, sendo possível pressupor que a mesma tem um papel fundamental ao determinar situações decorrentes de arranjos sociais, como a violência. Foi demonstrado que há maior taxa de agressão contra crianças pardas, embora possa haver da autoclassificação da raça (CHOR, 2013).

Sobre a escolaridade e renda, foi possível visualizar maior frequência de violência contra vítimas com escolaridade básica ou fundamental incompletas. Autores afirmam que condições sociais desfavoráveis estão relacionadas com maus-tratos na infância (ZAMBOM et al., 2012; LISE; MOTTA, 2012). Contudo, é preciso analisar esse fator com calma, visto que mesmo em camadas mais altas a violência ocorre, sendo apenas regida por maior sigilo entre os membros (PINTO JUNIOR; CASSEP-BORGES; SANTOS, 2015). Outro fator constatado foi uma maior vulnerabilidade de crianças com deficiências (BARROS; DESLANDES; BASTOS, 2016).

Dentre os efeitos da violência infantil sobre a saúde, verificou-se que podem surgir respostas patológicas do eixo hipotalâmico-hipofisário-suprarrenal (HHS), levando exposição crônica ao estresse, níveis alterados de cortisol e *down-regulation* dos receptores do cortisol no hipocampo e eixo HHS. Isso leva a supressão da alostase. Tal mecanismo está envolvido em transtornos psiquiátricos como o transtorno bipolar. Foi encontrado também que há uma hiperativação da amígdala e disfunção cognitiva (CARVALHO et al., 2016; MAGALHÃES; FRIES; KAPCZINSKI, 2012)

Conclui-se que a violência é um grave problema de saúde, de distribuição global, multicausal, e que acomete crianças todos os dias. Suas consequências não estão limitadas apenas a questões de saúde, mas envolvem a esfera social, ao influenciar o modo como as

vítimas se comportarão no futuro, em razão de seus efeitos neuropsiquiátricos (OMS, 2002). Estudar e analisar a questão da violência infantil é, portanto, fundamental. Sugere-se uma continuidade dos estudos acerca da violência infantil, haja vista a importância das crianças e adolescentes na construção da nação, e das consequências que a violência pode trazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARROS, A.C.M.W.; DESLANDES, S. F.; BASTOS, O.M. A violência familiar e a criança e o adolescente com deficiências. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 32, n. 6, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csp/2016.v32n6/e00090415/>>. Acesso em 23 set. 2018.
2. CARVALHO, J. C. N. et al. Cognitive, neurobiological and psychopathological alterations associated with child maltreatment: A review of systematic reviews. **Child Indicators Research**, v. 9, n. 2, p. 389-406, 2016. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s12187-015-9314-6>>. Acesso em 23 set. 2018.
3. CHOR, Dóra. Desigualdades em saúde no Brasil: é preciso ter raça. **Cadernos de Saúde pública**, v. 29, p. 1272-1275, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2013001100002&script=sci_arttext>. Acesso em 23 set. 2018.
4. EGRY, E.Y. et al. Compreendendo a negligência infantil na perspectiva de gênero: estudo em um município brasileiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 49, n. 4, p. 556-563, 2015. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/reeusp/article/view/103368>>. Acesso em 23 set. 2018.
5. GARBIN, C. A. S. et al. Violência na população infantil: perfil epidemiológico dos abusos verificados no ambiente escolar. **Revista Ciência Plural**, v. 2, n. 2, p. 41-54, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/10122>>. Acesso em 23 set. 2018.
6. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **HIDDEN IN PLAIN SIGHT: a statistical analysis of violence against children**. 2014. Disponível em: <https://econpapers.repec.org/paper/esswpaper/id_3a7925.htm>. Acesso em 23 set. 2018.
7. LIMA, L. P. A Educação Infantil diante da violência doméstica contra a criança: compreendendo sentidos e práticas. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-19022009-110729/en.php>>. Acesso em 23 set. 2018.
8. MAGALHÃES, P. V. S.; FRIES, G. R.; KAPCZINSKI, F. Marcadores periféricos e a fisiopatologia do transtorno bipolar. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 39, n. 2, p. 60-7, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832012000200004>. Acesso em 23 set. 2018.
9. NUNES, A. J.; SALES, M. C. V. Violence against children in Brazilian scenery/Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 3, p. 871-891, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232016000300871&script=sci_arttext>. Acesso em 23 set. 2018.
10. PINTO JUNIOR, A. A.; CASSEPP-BORGES, V.; SANTOS, J. G. Caracterização da violência doméstica contra crianças e adolescentes e as estratégias interventivas em um

município do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 23, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v23n2/1414-462X-cadsc-23-2-124>>. Acesso em 23 set. 2018.

11. SINIMBU, R. B. et al. Caracterização das vítimas de violência doméstica, sexual e/ou outras violências no Brasil – 2014. **Revista Saúde em Foco**, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://smsrio.org/revista/index.php/revsf/article/view/199>>. Acesso em 23 set. 2018.
12. WAISELFSZ, J. J. **Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil**. 2012. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_Criancas_e_Adolescentes.pdf>. Acesso em 23 set. 2018.
13. ZAMBON, M. P. et al. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: um desafio. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 58, n. 4, p. 465-471, 2012. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0104423012705444>>. Acesso em 23 set. 2018.